

Paulista só quer promoção

SÃO PAULO — Os estudantes de segundo grau das escolas públicas paulistanas são altamente conscientes da precariedade do ensino nessas instituições. Conscientes de que não sairão preparados para enfrentar vestibulares de universidades públicas e sem dinheiro para pagar uma faculdade particular, pelo menos no momento da conclusão do curso secundário, esperam apenas conseguir com os estudos promoções em seus locais de trabalho — o que, em geral, realmente acontece em razão do diploma do curso profissionalizante. Esta realidade foi comprovada por uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas, coordenada pela pesquisadora Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. Na época — 1984 — foram ouvidos 955 estudantes, a maior parte alunos de escolas públicas.

“Estes alunos são extremamente críticos em relação às escolas”, informou a pedagoga, que tem mestrado em Psicologia do Ensino pela PUC de São Paulo. Eles apontam como principal problema o desajuste da estrutura dessas instituições de ensino à sua realidade. A maior parte dos cursos públicos de segundo grau são oferecidos à noite (68%) e 82% dos alunos que fre-

quentam essas escolas trabalham o dia todo. Reclamam do desinteresse dos professores, do horário das aulas e da validade do que aprendem.

O que Maria Laura notou ao avaliar as respostas dos estudantes é que houve nos últimos 15 anos uma democratização na oferta de escolas de segundo grau, mas isto não veio acompanhado de uma infra-estrutura de suporte adequada. Como no estado de São Paulo estão duas mil das oito mil escolas públicas brasileira de segundo grau, a pedagoga acredita que esta realidade se repete nos outros estados do Brasil.

Para mudá-la seria necessário, primeiro, uma nova proposta de ensino, que teria que passar obrigatoriamente por um fortalecimento da formação crítica e geral desses estudantes e por uma sólida preparação para enfrentar o mercado de trabalho, além dos ajustes nas escolas para a realidade de seus alunos. “A maior parte desses alunos tira suas férias no trabalho durante o período de provas para poder estudar. Não descansam nunca. Então, por que, por exemplo, não fazer um calendário menos desgastante e que se estendesse por mais tempo?”, sugere Maria Laura.